

## É possível descolonizar a Paz?<sup>1</sup>

Lucas Guerra <sup>2</sup>

### Introdução

No cenário contemporâneo, prevalece tanto na disciplina de Relações Internacionais quanto nas abordagens da comunidade internacional ao tema, uma perspectiva “Liberal-Realista” da Paz. De maneira geral, esse entendimento implica que a Paz Internacional só pode ser conquistada através da disseminação global de instituições de governança política e econômica liberais, inclusive com o uso da força previsto para assegurar esse processo.

Sendo assim, o modelo que orienta Operações de manutenção e construção da Paz é a denominada “Paz Liberal” (PARIS, 2004). Com base nesta, acredita-se que a ferramenta adequada para a efetivação da paz é o processo de *peacebuilding*, orientado para a construção de instituições que garantam uma “boa governança” política e econômica como estratégia para a consolidação de uma paz de longa duração. Por “boa governança”, entende-se a disseminação de democracias liberais orientadas para o livre mercado, majoritariamente em Estados periféricos. Esse processo se dá pela adoção de medidas como a redação de novas Constituições, fortalecimento das forças policiais, processos eleitorais, privatizações e abertura comercial (PUGH, 2005).

Evidentemente, essa maneira de administrar a Paz Internacional tem gerado uma série de críticas. Pureza e Cravo (2005), por exemplo, indicam que as Operações de Paz Liberal partem do falso princípio de universalidade de práticas políticas e econômicas de matriz claramente ocidental. Boege et al (2007) acrescentam que o modelo de governança proposto por essas Operações intensifica a agenda neoliberal nos Estados do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 17 – Relações Internacionais e Subalternidades.

<sup>2</sup> Graduando do 6º período em Relações Internacionais e Integração pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: [lucaspguerra@gmail.com](mailto:lucaspguerra@gmail.com).

Sul Global. Portanto, tais intervenções humanitárias carregam implicitamente um caráter de domesticação de países e regiões ainda não inteiramente integrados ao capitalismo mundial (ŽIŽEK, 2005).

Nesse processo, as Operações de *peacebuilding* refletem os interesses de elites dominantes transnacionais e nacionais, marginalizando uma ampla maioria de grupos e comunidades locais dos países nos quais se inserem (MAC GINTY, 2010). Correspondem assim à transposição de um modelo específico de governança política e econômica do Centro para a Periferia Global, atendendo principalmente aos interesses das elites provenientes de países industriais, podendo ser comparadas às Missões Civilizatórias do século XIX (PARIS, 2002). Sendo assim, atualmente a construção e manutenção da Paz servem de legitimação discursiva para a operacionalização de práticas imperialistas e neocoloniais (HILL, 2005).

Dada essa breve contextualização, esse trabalho tem como objetivo central identificar as relações coloniais de poder subjacentes ao atual modelo hegemônico de construção da Paz Internacional, a chamada “Paz Liberal”. Para além disso, pretende-se apresentar e discutir as possibilidades de práticas e processos alternativos à construção da Paz, mais coerentes com as diversas realidades locais nas quais podem vir a ocorrer e com voz e participação ativa de atores comunitários frequentemente invisibilizados e marginalizados.

### **Metodologia**

Para a realização da pesquisa, optou-se por uma metodologia qualitativa. Inicialmente, foi feita ampla revisão bibliográfica de livros e artigos científicos publicados acerca do tema da Paz Liberal e construção de alternativas a esta. Para uma melhor sustentação do argumento, apresenta-se também um breve estudo de caso da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), feito a partir da análise de fontes primárias – a saber, documentos do Conselho de Segurança das Nações Unidas, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e Fundo Monetário

Internacional (FMI) –, bem como com o estudo de produções de autores que estiveram imersos na realidade haitiana durante a vigência da Missão.

### **Discussão**

Conforme já se expôs, esse trabalho parte da premissa de que as Operações de Paz das Nações Unidas carregam em sua atuação um forte caráter neocolonial. A partir dessa perspectiva, é possível traçar alguns paralelos entre a concepção de paz durante a Era Colonial e a atual concepção de Paz Liberal, notadamente acerca das relações de poder e dominação subjacentes a ambas.

Especificamente na América Latina entre os séculos XVI e XVII, vigorou uma concepção de construção e manutenção da Paz que pode ser denominada “Paz Colonial”. Essa “paz” era definida e negociada diretamente entre as potências coloniais, de modo a marginalizar as populações nativas, meramente concebidas como propriedade dos colonizadores (ADOLF, 2010). Além disso, a Paz Colonial pressupunha a implementação de um sistema de administração política e econômica “importado” da Europa, alheio às realidades locais e favorável aos interesses das Metrôpoles (BALANDIER, 1993). Destaca-se ainda o elemento cultural-ideológico de legitimação das relações de dominação e poder inerentes a esse modelo de paz. Nesse sentido, Adolf (2010) aponta o papel fundamental da catequização cristã dos povos indígenas no período colonial, posteriormente substituída pelas narrativas modernas de disseminação da civilização e do progresso em escala global.

Características semelhantes podem ser observados na denominada Paz Liberal, modelo de atuação das Nações Unidas para a construção e manutenção da Paz em países periféricos no contexto pós-Guerra Fria. Em primeiro lugar, aponta-se a lógica *top-down* de funcionamento das Operações de Paz, definidas e acordadas por burocratas de Organizações Internacionais, representantes do setor privado transnacional e das elites nacionais dos países nos quais se inserem, de modo a seguir marginalizando e silenciando as reivindicações das populações locais (MAC GINTY, 2010; SEITENFUS, 2016).

Também de maneira análoga à Paz Colonial, a Paz Liberal implica a imposição de um modelo específico de governança política e econômica, a democracia liberal orientada para o livre mercado, com raízes eurocêntricas e favorável aos interesses das potências industriais e elites transnacionais que financiam as Operações de Paz (PARIS, 2002). Há ainda o componente ideológico de legitimação das relações neocoloniais de poder inerentes a tais Operações. Trata-se da narrativa global de promoção do Desenvolvimento, Democracia e Direitos Humanos enquanto baluartes da política internacional (SANTOS, 2014). Os três elementos são correntemente compreendidos como indissociáveis, e o modelo consensualmente aceito como ideal para concretizá-los é a adoção de políticas econômicas neoliberais (CAMMACK, 2006).

Uma exemplificação do caráter neocolonial das Operações de Paz contemporâneas pode ser constatada através de um breve estudo de caso da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH). De maneira sucinta, ressalta-se que após dois séculos de constantes intervenções externas, seguido de um período ditatorial entre as décadas de 1960 e 1980 e um turbulento processo de redemocratização, marcado por diversos golpes de Estado e fraudes eleitorais, no ano de 2004 o Haiti se encontrava em guerra civil, com parte do país ocupado por grupos rebeldes e um cenário de grave crise política, social e econômica (VALLER FILHO, 2007).

Essa situação conduziu à ativação da MINUSTAH, envolvendo diversas agências do Sistema ONU, FMI, Banco Mundial e organizações humanitárias. A Missão apresenta caráter claramente consonante com os princípios da Paz Liberal, tendo dentre os principais objetivos a promoção de uma democracia representativa, o fortalecimento do Estado de Direito e das forças policiais e uma revitalização econômica com base na liberalização, privatização e protagonismo do setor privado nacional e internacional (FMI, 2006, 2012; PNUD, 2011, 2015).

Os resultados obtidos pela Missão, porém, denotam algumas controvérsias. No eixo econômico, ao mesmo tempo em que há um aumento do Produto Interno Bruto (PIB) do Haiti (US\$12,05 bi/2004; 18,75 bi/2015), ocorre também um acréscimo do Índice de

Gini – instrumento que mede a concentração de renda em uma escala de 0 (igualdade total) a 100 (ultra concentração) – do país, de 59,2 (2004) para 60,8 (2012)<sup>3</sup>. Isto é, ao passo em que o Haiti obteve um certo nível de crescimento econômico durante a vigência da MINUSTAH, aumentou também a desigualdade social no interior do país.

Além disso, observa-se ainda que cerca de 40,6% dos haitianos estão desempregados, e “em 2012, oito a cada dez trabalhadores no país ganharam menos que o salário mínimo oficial de 250 HTG/dia [equivalente a US\$5,84 na cotação da época]” (SCOT; RODELLA, 2016, p. 12). Além disso, 58,5% da população do Haiti vive abaixo da linha de pobreza<sup>4</sup>. Logo, pode-se inferir que as melhorias econômicas haitianas estão ocorrendo em benefício a elites nacionais e transnacionais envolvidas com a Missão em detrimento ao bem-estar da população local do país.

Nesse sentido, o autor haitiano Franck Seguy (2014) reforça o caráter neocolonial inerente à MINUSTAH, indicando que as diretrizes econômicas impostas ao Haiti por intermédio da Missão consistem de fato na tentativa de estabelecimento de um parque industrial têxtil voltado para a exportação, com super-exploração da mão de obra e de modo a atender aos interesses das empresas multinacionais de roupas e tecidos. Nas palavras do autor, o que ocorre é a transformação do país em “uma colônia do capital transnacional” (SEGUY, 2014, p. 298).

Ressalta-se ainda que tais diretrizes voltadas para a inserção do Haiti na lógica de mercado capitalista não correspondem à realidade socioeconômica do país, majoritariamente composto por pequenas propriedades rurais (SEITENFUS, 2016). Esse exemplo denota perfeitamente os recorrentes apontamentos de que o modelo estandardizado da Paz Liberal é ineficiente para a representação de interesses e particularidades locais e, portanto, para a concretização de um projeto de paz verdadeiramente efetivo e duradouro nas regiões nas quais se inserem (MAC GINTY, 2010; RICHMOND, 2010; ROBERTS, 2011).

---

<sup>3</sup> Fonte dos dados: Banco Mundial, 2016.

<sup>4</sup> Fonte dos dados: CIA World Factbook, 2016.

Frente a tal constatação, esforços têm sido feitos no sentido de promover estratégias de construção e manutenção de paz com base em costumes locais, histórica e culturalmente enraizados na forma de viver da população nativa (RICHMOND, 2010). Tais esforços podem ser observadas na chamada “Paz Indígena” ou “Paz Tradicional”, termo genérico que engloba uma série de técnicas de reconciliação e resolução de conflitos protagonizadas por agentes locais e dimensionada em aspectos da vida cotidiana da população (MASCHIETTO, 2015).

Apesar da ampla diversidade de técnicas e processos, de acordo com as especificidades locais, algumas características podem ser apresentadas como comuns à “Paz Tradicional”. Dentre elas, a autoridade outorgada a lideranças locais; o caráter participativo, baseado em assembleias, cerimônias e rituais; a presença de elementos subjetivos (símbolos, canções, festas, etc.) e a compreensão da construção da paz enquanto um processo de longa duração: mais que a celebração de acordos e construção de instituições, envolve as relações do dia-a-dia, o diálogo e entendimento constante (MAC GINTY, 2010).

Algumas limitações a implementação da “Paz Tradicional” também podem ser apontadas. Nadarajah e Rampton (2015), por exemplo, indicam que alguns dos rituais tradicionais de construção da paz podem envolver processos violentos, bem como perpetuar hierarquias opressoras de poder, geralmente patriarcais. Além disso, a retomada de aspectos tradicionais é evidentemente restrita a situações e especificidades locais, não podendo ser ampliados para as esferas mais amplas necessárias na reconstrução de cenários pós-conflito. Destaca-se ainda o potencial de instrumentalização desses recursos para a legitimação da ordem hegemônica representada pela Paz Liberal.

Logo, tem-se que a Paz Liberal corresponde à aplicação de diretrizes alheias, formuladas no Norte Global, em países periféricos. Já a Paz Tradicional, apesar do potencial de empoderamento e coerência com a dimensão comunitária, encontra-se restrita a situações e especificidades locais. Como via alternativa a ambos os processos,

mas sem ignorar seus respectivos potenciais, apresenta-se a conceptualização de “Paz Híbrida”, que corresponde à apropriação de elementos típicos das Operações de Paz Liberal – tais quais a narrativa de participação democrática, representatividade, desenvolvimento e direitos fundamentais – a partir de referenciais propriamente locais, como a dimensão cotidiana, a concepção da paz enquanto processo, utilização de elementos simbólicos, entre outros (CHADWICK et al, 2013).

O principal potencial da Paz Híbrida seria, então, utilizar-se das ferramentas e possibilidades ofertadas a princípio pelas Operações de Paz ortodoxas para promover outras formas de organização política, social e econômica além da liberal-ocidental, mais coerentes com as realidades, perspectivas, cosmovisões e reivindicações locais (MAC GINTY, 2010; MASCHIETTO, 2015; RICHMOND, 2010).

### **Considerações Finais**

Com base no que foi exposto, é possível afirmar que a Paz Liberal, da maneira como tem sido instrumentalizada nas Operações de Paz, reproduz uma lógica neocolonial de poder e dominação, subjugando as populações locais dos cenários pós-conflitos em prol de interesses das forças sociais hegemônicas na ordem internacional. Existem, porém, outras formas de construção da Paz, mais coerentes com a dimensão cotidiana e a cosmovisão das populações nativas, embora se encontrem limitadas a um escopo localizado.

Frente a tal paradigma, a “hibridização” da Paz se apresenta como possível estratégia de resistência, utilizando elementos discursivo-ideológicos da Paz Liberal (empoderamento, representatividade, participação, autodeterminação) em prol da estruturação de sistemas de organização política, social e econômica mais coerentes com as demandas das comunidades locais. Tal processo se apresenta como importante ferramenta para a construção de alternativas subalternas à ordem hegemônica neoliberal.

Aponta-se, por fim, a necessidade de maior efetivação desses preceitos em terreno, ainda insuficientes para constatação empírica dos resultados. Constata-se ainda a importância de uma maior dedicação de estudos nessa área por autores do Sul Global, sendo a literatura dominada por autores de grandes Universidades dos Estados Unidos e Europa.

### Referências bibliográficas

ADOLF, Antony. *Peace: a world history*. Polity, 2010.

BALANDIER, Georges. A noção de situação colonial. *Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)*, v. 3, n. 3, p. 107-131, 1993.

BOEGE, V; BROWN A; CLEMENTS, K; NOLAN; A. *On hybrid political orders and emerging states: state formation in the context of 'fragility'*. 2008.

CAMMACK, P. U.N Imperialism: Unleashing Entrepreneurship in the Developing World. In: MOOERS, C. *The New Imperialists: Ideologies of Empire*. Oxford: Oneworld Publications, 2006. Cap. 10, p. 229-257.

CHADWICK, Wren; DEBIEL, Tobias; GADINGER, Frank. *Relational Sensibility and the 'Turn to the Local': Prospects for the Future of Peacebuilding*. 2013.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL. *Haiti: Interim Poverty Reduction Strategy Paper*. 2006.

\_\_\_\_\_. *Haiti: Poverty Reduction Strategy Paper*. 2012.

HILL, Jonathan. Beyond the other? A postcolonial critique of the failed state thesis. *African identities*, v. 3, n. 2, p. 139-154, 2005

MAC GINTY, R. Gilding the Lily? International Support for Indigenous and Traditional Peacebuildings. In: RICHMOND, O. P. *Palgrave advances in peacebuilding: critical developments and approaches*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2010. Cap. 8, p. 154-175

MASCHIETTO, Roberta Holanda. Cidadania e empoderamento local em contextos de consolidação da paz. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 105, p. 65-84, 2015.

NADARAJAH, Suthaharan; RAMPTON, David. The limits of hybridity and the crisis of liberal peace. *Review of International Studies*, v. 41, n. 01, p. 49-72, 2015.

PARIS, R. International Peacebuilding and the 'Mission Civilisatrice'. *Review of International Studies*, v. 28, n. 4, p. 637-656, Outubro 2002.

PARIS, R. *At War's End: Building Peace After Civil Conflict*. Nova York: Cambridge University Press, 2004.

**Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul**  
**v. 1, n. 1, 2017.**

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). *UN Integrated Strategy Framework for Haiti (2010-2011)*. 2011

\_\_\_\_\_. *Cadre Stratégique des Nations Unies en Haiti (2015-2016)*. 2015.

PUGH, M. The Political Economy of Peacebuilding: A Critical Theory Perspective. *International Journal of Peace Studies*, v. 10, n. 2, p. 23-42, 2005.

PUREZA, J. M.; CRAVO, T. Margem crítica e legitimação nos estudos para a paz. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, v. 71, p. 5-19, 2005.

RICHMOND, Oliver P. Beyond liberal peace? responses to "backsliding". *Contexto Internacional*, v. 32, n. 2, p. 297-332, 2010.

ROBERTS, David. Beyond the metropolis? Popular peace and post-conflict peacebuilding. *Review of International Studies*, v. 37, n. 05, p. 2535-2556, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa; CHAUI, Marilena. *Direitos humanos, democracia e desenvolvimento*. Cortez Editora, 2014.

SCOT, Thiago; RODELLA, Aude-Sophie. Sifting through the Data: labor markets in Haiti through a turbulent decade (2001-2012). *World Bank Policy Research Working Paper*, n. 7562, 2016.

SEGUY, Franck. *A catástrofe de janeiro de 2010, a "Internacional Comunitária" e a recolonização do Haiti*. 2014. Tese de Doutorado em Sociologia defendida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2014.

SEITENFUS, Ricardo. *Reconstruir Haití: entre la esperanza y el tridente imperial*. Fundación Juan Bosch, 2016.

VALLER FILHO, Wladimir. *O Brasil e a crise haitiana: a cooperação técnica como instrumento de solidariedade e de ação diplomática*. Thesaurus Editora, 2007

ŽIŽEK, Slavoj. Contra os direitos humanos. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, v. 15, n. 1, p. 11-29, 2010.